

Efeitos do Nacionalismo Econômico na Política Comercial Externa: A Estratégia Tarifária de Donald Trump e seus Impactos nas Relações Bilaterais Brasil-Estados Unidos (2017–2025)

Effects of Economic Nationalism on Foreign Trade Policy: Donald Trump's Tariff Strategy and its Impacts on Brazil-United States Bilateral Relations (2017–2025)

Efectos del Nacionalismo Económico en la Política Comercial Exterior: La Estrategia Arancelaria de Donald Trump y sus Impactos en las Relaciones Bilaterales Brasil-Estados Unidos (2017–2025)

Julia Coelho de Soarez

Afiliação: Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade - USP, São Paulo - SP, Brasil

E-mail institucional: julia.soarez@usp.br

RESUMO (PORTUGUÊS):

Este estudo investiga os efeitos do nacionalismo econômico de Donald Trump na política comercial externa dos EUA (2017-2025), analisando seus impactos nas relações bilaterais Brasil-Estados Unidos. A estratégia tarifária de Trump, destacada pelas tarifas sobre aço e alumínio, buscou proteger a indústria doméstica, resultando em perdas substanciais para o setor siderúrgico brasileiro. Paralelamente, a guerra comercial EUA-China gerou oportunidades para o agronegócio brasileiro, impulsionando as exportações de soja para a China e compensando parcialmente as perdas industriais. A pesquisa adota uma abordagem qualitativa e documental, utilizando Análise de Política Externa e Análise de Conteúdo para examinar discursos, documentos e as reações institucionais brasileiras. A resposta do Brasil foi majoritariamente diplomática, buscando diálogo e cotas, o que reflete a assimetria de poder. O estudo conclui que as políticas protecionistas dos EUA tiveram impactos complexos e desiguais no Brasil, exigindo estratégias que equilibrem interesses nacionais e a navegação em um sistema global dinâmico.

Palavras-chave: Nacionalismo Econômico; Política Comercial Externa; Tarifas; Relações Brasil-Estados Unidos; Impactos Econômicos.

ABSTRACT (ENGLISH):

This study investigates the effects of Donald Trump's economic nationalism on US foreign trade policy (2017-2025), analyzing its impacts on Brazil-United States bilateral relations. Trump's tariff strategy, highlighted by steel and aluminum tariffs, aimed to protect domestic industry, resulting in substantial losses for the Brazilian steel sector. Simultaneously, the US-China trade war created opportunities for Brazilian agribusiness, boosting soybean exports to China and partially offsetting industrial losses. The research adopts a qualitative and documentary approach, using Foreign Policy Analysis and Content Analysis to examine discourses, documents, and Brazilian institutional reactions. Brazil's response was predominantly diplomatic, seeking dialogue and quotas, which reflects the power asymmetry. The study concludes that US protectionist policies had complex and unequal impacts on Brazil, requiring strategies that balance national interests and navigation within a dynamic global system.

Keywords: Economic Nationalism; Foreign Trade Policy; Tariffs; Brazil-United States Relations; Economic Impacts.

RESUMEN (ESPAÑOL):

Este estudio investiga los efectos del nacionalismo económico de Donald Trump en la política comercial exterior de EE. UU. (2017-2025), analizando sus impactos en las relaciones bilaterales Brasil-Estados Unidos. La estrategia arancelaria de Trump, destacada por los aranceles al acero y aluminio, buscó proteger la industria

doméstica, resultando en pérdidas sustanciales para el sector siderúrgico brasileño. Paralelamente, la guerra comercial EE. UU.-China generó oportunidades para el agronegocio brasileño, impulsando las exportaciones de soja a China y compensando parcialmente las pérdidas industriales. La investigación adopta un enfoque cualitativo y documental, utilizando Análisis de Política Exterior y Análisis de Contenido para examinar discursos, documentos y las reacciones institucionales brasileñas. La respuesta de Brasil fue mayoritariamente diplomática, buscando diálogo y cuotas, lo que refleja la asimetría de poder. El estudio concluye que las políticas proteccionistas de EE. UU. tuvieron impactos complejos y desiguales en Brasil, exigiendo estrategias que equilibren los intereses nacionales y la navegación en un sistema global dinámico.

Palabras clave: Nacionalismo Económico; Política Comercial Exterior; Aranceles; Relaciones Brasil-Estados Unidos; Impactos Económicos.

1. INTRODUÇÃO

O nacionalismo econômico pode ser compreendido como uma ideologia que prioriza os interesses econômicos domésticos, frequentemente acompanhada de ceticismo em relação à globalização e de uma forte crença na intervenção estatal para proteger e promover indústrias nacionais. A administração de Donald Trump representa um exemplo contemporâneo dessa abordagem. Em 2018, foram impostas tarifas de 25% sobre o aço e de 10% sobre o alumínio, posteriormente ampliadas para 25% em ambos os setores em 2025 (White & Case LLP, 2025). Tais medidas indicam uma estratégia deliberada de proteção da indústria nacional por meio de instrumentos estatais.

Segundo Chang (2025), políticas protecionistas foram historicamente utilizadas por países desenvolvidos, como os Estados Unidos e o Reino Unido, durante suas fases iniciais de industrialização. Esses países adotaram tarifas e subsídios para fomentar suas indústrias domésticas antes de advogarem pelo livre-comércio. Nesse contexto, a retórica de "America First" de Trump pode ser interpretada como uma forma de nacionalismo econômico. No entanto, persiste o debate sobre se tal estratégia seria melhor enquadrada como mercantilista — voltada à redução de déficits comerciais — ou como desenvolvimentista, conforme a visão de Rodrik (2025), que defende o uso estratégico dos mercados globais para alcançar objetivos nacionais.

O Brasil, segundo maior exportador de aço para os Estados Unidos, foi diretamente impactado pelas tarifas impostas por Trump. Em 2018, negociou cotas para evitar a taxa; porém, em 2019 e novamente em 2025, enfrentou tarifas de 25% sem isenções (Reuters, 2025; White & Case LLP, 2025). De acordo com o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), as exportações brasileiras de aço e alumínio devem sofrer uma queda de 11,27% em 2025, totalizando 1,6 milhão de toneladas e resultando em perdas estimadas em US\$ 1,5 bilhão (Agência Brasil, 2025a).

Essa retração afeta especialmente a indústria siderúrgica nacional, considerando que, em 2024, cerca de 80% das exportações de lajes (slabs) foram destinadas ao mercado norte-americano (Argus Media, 2025). Os impactos econômicos incluem queda na produção, redução na competitividade externa e possível aumento do desemprego em regiões dependentes da cadeia siderúrgica, como os estados de Minas Gerais e Espírito Santo.

Por outro lado, a guerra comercial entre Estados Unidos e China gerou oportunidades relevantes para o agronegócio brasileiro. Com a imposição de tarifas chinesas sobre produtos agrícolas norte-americanos, como a soja, a China redirecionou parte significativa de sua demanda para o Brasil, principal exportador mundial da commodity. Em 2018, as exportações estadunidenses de soja para a China caíram de US\$ 19,4 bilhões para US\$ 9,1 bilhões, enquanto as exportações brasileiras aumentaram substancialmente (Wikipedia, 2025; Bloomberg, 2025).

Esse reposicionamento favoreceu o agronegócio brasileiro, especialmente as regiões produtoras de grãos no Centro-Oeste, contribuindo para o crescimento das exportações e aumento da renda agrícola. Segundo dados do Ministério da Agricultura, a China permanece como o principal destino das exportações brasileiras, seguida pelos Estados Unidos (BBC, 2025).

Resta, entretanto, avaliar se os ganhos no setor agrícola compensam integralmente as perdas sofridas pela indústria de metais. Ainda que o agronegócio tenha respondido positivamente, os efeitos redistributivos entre setores e regiões do país podem aprofundar desigualdades internas, exigindo respostas coordenadas de política industrial e comercial.

2. METODOLOGIA

A metodologia escolhida visa proporcionar uma análise aprofundada e sistemática do fenômeno estudado, permitindo a compreensão das motivações, mecanismos de implementação e consequências da política externa comercial estadunidense sobre o parceiro brasileiro.

2.1 Tipo de Pesquisa

A presente pesquisa caracteriza-se como qualitativa, exploratória e analítica. É qualitativa por não se basear em medições numéricas, mas sim na interpretação e compreensão dos significados, discursos e contextos que envolvem as políticas comerciais e as reações

institucionais. O caráter exploratório justifica-se pela necessidade de investigar um fenômeno complexo e multifacetado – o nacionalismo econômico de Trump e seus reflexos – que, embora amplamente noticiado, demanda uma sistematização e análise acadêmica específica no contexto das relações Brasil-EUA. Por fim, é analítica ao buscar decompor o objeto de estudo em suas partes constituintes (discursos, medidas tarifárias, reações diplomáticas e econômicas) para examinar as relações de causa e efeito e os padrões emergentes. Adicionalmente, a pesquisa possui um forte componente documental e bibliográfico, fundamentando-se primariamente na análise de materiais textuais e na revisão da literatura pertinente.

2.2 Fontes Consultadas

A construção do corpus empírico da pesquisa pauta-se na coleta e análise de diversas fontes primárias e secundárias:

- **Documentos Oficiais:** Decretos presidenciais, comunicados da Casa Branca, relatórios do United States Trade Representative (USTR) e do Departamento de Comércio dos EUA relacionados a investigações (ex: Seção 232 sobre aço e alumínio, Seção 301 sobre práticas comerciais desleais) e imposição de tarifas. No lado brasileiro, serão analisados comunicados oficiais do Ministério das Relações Exteriores (MRE), notas e declarações do Ministério da Economia/Comércio Exterior, e documentos do Legislativo relacionados ao tema.
- **Discursos Políticos:** Discursos proferidos por Donald Trump (em coletivas de imprensa, eventos oficiais, rallies) e membros-chave de seu governo (ex: Secretário de Comércio, Representante de Comércio), com foco nas menções a políticas comerciais, tarifas e parceiros específicos. Também serão consideradas declarações públicas e discursos de autoridades brasileiras em resposta ou relacionados às ações estadunidenses.
- **Notícias e Cobertura Jornalística:** Matérias de veículos de imprensa de referência nacional (ex: Folha de S.Paulo, O Estado de S. Paulo) e internacional (ex: The New York Times, Financial Times, Reuters), que reportaram e analisaram as medidas tarifárias de Trump e suas repercussões no Brasil, permitindo contextualizar os eventos e identificar as percepções iniciais dos atores. Critérios de seleção dos veículos incluem sua reputação, abrangência da cobertura e histórico de noticiário sobre relações internacionais e economia.

- Artigos Científicos e Literatura Acadêmica: Publicações acadêmicas (artigos, livros, capítulos de livros) que abordam o nacionalismo econômico, política externa dos EUA (especialmente no governo Trump), relações bilaterais Brasil-EUA, e o uso de tarifas como instrumento de política comercial, fornecendo a base teórica e o estado da arte da discussão.

2.3 Critérios de Análise do Discurso e Reações Institucionais

A análise do discurso político de Donald Trump sobre comércio e tarifas, bem como das reações institucionais brasileiras, será conduzida com base em critérios que permitam identificar padrões, argumentos centrais e mudanças de postura. Para o discurso de Trump, os critérios incluem:

- Temas Recorrentes: Identificação da frequência e proeminência de temas como "déficit comercial", "comércio justo vs. injusto", "segurança nacional" (como justificativa para tarifas), "empregos americanos", "manipulação cambial", "reciprocidade".
- Linguagem e Tom: Análise do vocabulário utilizado (ex: "guerra comercial", "países aproveitadores"), do tom (agressivo, negociador, conciliador) e do uso de plataformas (ex: Twitter vs. pronunciamentos oficiais).
- Justificativas Apresentadas: Exame dos argumentos formais e informais usados para legitimar a imposição ou ameaça de tarifas.
- Atores Mencionados: Identificação de quais países ou blocos econômicos são citados e em que contexto (parceiros, competidores, "inimigos comerciais").

Para as reações institucionais brasileiras, os critérios envolvem:

- Natureza da Resposta: Análise se a reação foi de protesto formal, negociação, ameaça de retaliação, busca de alianças com outros países, ou aceitação tácita/ajustamento.
- Argumentos Utilizados: Exame dos argumentos apresentados pelo Brasil para defender seus interesses (ex: importância da relação bilateral, respeito às regras da OMC, impacto setorial das tarifas).
- Coordenação Interna: Observação de eventuais divergências ou alinhamentos entre diferentes órgãos do governo brasileiro (MRE, Economia, Presidência) nas respostas.
- Resultados Obtidos: Avaliação se as reações diplomáticas ou negociais brasileiras resultaram em isenções, cotas, ou outras formas de mitigação das medidas tarifárias.

2.4 Recorte Temporal e Critérios de Seleção de Eventos

O recorte temporal da pesquisa abrange o período de 2017 a 2025. O início em 2017 é fundamental por marcar o início da gestão de Donald Trump e a implementação de sua agenda "America First", que reconfigurou a política comercial dos EUA e intensificou o uso de instrumentos protecionistas, como as tarifas. O término em 2025 permite analisar não apenas as ações ocorridas durante a presidência de Trump (2017-2021), mas também avaliar os impactos duradouros e a evolução das relações bilaterais no período subsequente (2021-2025), que podem ter sido moldados pelas políticas adotadas anteriormente.

A seleção de eventos e medidas tarifárias a serem analisados focará naqueles que tiveram relevância para as relações comerciais ou diplomáticas entre Brasil e Estados Unidos ou que exemplificam a aplicação da estratégia tarifária de Trump de forma mais ampla, mesmo que o impacto direto inicial no Brasil tenha sido secundário (como as tarifas globais de aço e alumínio sob a Seção 232, que afetaram o Brasil significativamente). Os critérios para inclusão incluem:

- Anúncios de tarifas ou ameaças tarifárias por parte do governo Trump que mencionaram o Brasil ou setores de exportação brasileiros relevantes.
- Medidas tarifárias impostas pelos EUA que impactaram produtos brasileiros específicos (ex: aço, alumínio, suco de laranja).
- Negociações comerciais bilaterais ou contenciosos na Organização Mundial do Comércio (OMC) diretamente relacionados às ações tarifárias de Trump e que envolveram o Brasil.
- Eventos diplomáticos ou políticos de alto nível nos quais as questões comerciais/tarifárias foram pauta central na relação Brasil-EUA.

2.5 Metodologias de Análise

Para processar e interpretar o material coletado, este estudo emprega abordagens metodológicas consagradas na área da Ciência Política e da Análise de Relações Internacionais:

- Análise de Política Externa (APE): O estudo se insere no campo da Análise de Política Externa (APE), que busca compreender o processo de tomada de decisão em política externa. Abordagens da APE, como as propostas por Valerie M. Hudson, enfatizam a importância dos atores domésticos, da psicologia dos tomadores de decisão e do contexto institucional na formulação da política externa. Isso é particularmente relevante para

analisar a estratégia tarifária de Trump, frequentemente atribuída a suas convicções pessoais sobre comércio e à influência de think tanks e assessores com viés nacionalista. A APE oferece ferramentas conceituais para conectar as características idiossincráticas do governo Trump (seu estilo de negociação, uso do Twitter, relação com a OMC) com as decisões de política comercial adotadas.

- **Análise de Conteúdo:** Para a análise sistemática do vasto material textual (discursos, documentos, notícias), será utilizada a técnica da Análise de Conteúdo, conforme proposta por Laurence Bardin. Esta metodologia permite a descrição objetiva, sistemática e quantitativa (quando aplicável) ou qualitativa do conteúdo manifesto e latente das comunicações. Serão definidas categorias de análise (conforme critérios da Seção 2.3) que permitirão codificar os textos selecionados, identificar a frequência de temas, avaliar o tom predominante e cruzar informações entre diferentes fontes. A Análise de Conteúdo auxiliará a mapear as narrativas construídas por Trump sobre comércio e identificar os principais argumentos e estratégias de resposta do governo brasileiro.

A combinação da Análise de Política Externa como arcabouço teórico-metodológico para compreender as dinâmicas da decisão em política externa e a Análise de Conteúdo como ferramenta para sistematizar e interpretar os dados textuais permite uma investigação robusta e multifacetada do objeto de estudo.

3. DISCUSSÕES

Diante da decisão dos Estados Unidos de ampliar as tarifas sobre aço e alumínio em 2025, o governo brasileiro expressou pesar, qualificando a medida como "injustificada". A resposta oficial incluiu a busca por diálogo diplomático e a proposta de negociação de cotas, conforme declarado pelo vice-presidente Geraldo Alckmin (Reuters, 2025a). Além disso, o Ministério das Relações Exteriores (MRE) sinalizou que estuda medidas no âmbito da Organização Mundial do Comércio (OMC), ainda que tenha evitado adotar retaliações imediatas (Ministério das Relações Exteriores, 2025).

A escolha brasileira por uma via diplomática pode ser explicada por diversos fatores estratégicos. Primeiramente, há a assimetria de poder econômico e político entre Brasil e Estados Unidos, que torna a retaliação comercial arriscada. Em segundo lugar, destaca-se o fato de os Estados Unidos terem registrado um superávit comercial de aproximadamente US\$ 7

bilhões nas trocas bilaterais com o Brasil em 2024 (BBC, 2025), o que oferece margem de negociação. A opção por preservar o canal de diálogo reflete a dependência parcial do Brasil em relação ao mercado norte-americano e o interesse em manter relações comerciais estáveis.

As políticas comerciais adotadas pelo governo Trump encontram respaldo teórico em diferentes abordagens das relações internacionais. Segundo Gilpin (1987), a política comercial pode ser entendida como uma extensão do poder estatal — uma ferramenta para garantir hegemonia econômica no sistema internacional. À luz dessa perspectiva, as tarifas impostas visam não apenas proteger setores industriais, mas também reconfigurar a hierarquia do poder global a favor dos Estados Unidos.

Sob outro prisma, a Escola Inglesa, representada por Barry Buzan, enfatiza que ações unilaterais — como o uso de tarifas protecionistas fora de mecanismos multilaterais — podem enfraquecer as normas internacionais de comércio e fragmentar a ordem econômica global (Buzan & Falkner, 2025). A fragmentação dessas normas contribui para o aumento da instabilidade e da desconfiança entre os atores do sistema internacional.

Por fim, Chang (2025) argumenta que o protecionismo, historicamente utilizado por países hoje desenvolvidos, foi fundamental para consolidar suas estruturas industriais. Nesse sentido, a imposição de tarifas por parte dos Estados Unidos — um país que já usufruiu desse tipo de proteção — levanta questões de justiça internacional. Para países em desenvolvimento como o Brasil, tais medidas podem representar um obstáculo à industrialização e ao desenvolvimento autônomo, perpetuando desigualdades estruturais no sistema econômico global.

O Brasil, segundo maior exportador de aço para os Estados Unidos, foi significativamente afetado pelas tarifas impostas durante a administração Trump. Em 2018, o país negociou cotas para evitar a aplicação das tarifas, mas, em 2019, o governo norte-americano reimpôs as medidas alegando manipulação cambial (The New York Times, 2019). Em 2025, a ampliação das tarifas para 25% sobre o aço e o alumínio, sem concessões, deve resultar em uma redução de 11,27% nas exportações brasileiras, equivalente a 1,6 milhão de toneladas e perdas de aproximadamente US\$ 1,5 bilhão (Agência Brasil, 2025a).

Em 2024, o Brasil exportou cerca de 3,4 milhões de toneladas de lajes de aço para os Estados Unidos, correspondendo a 80% de suas exportações totais desse produto (Argus Media, 2025). Estima-se que a produção siderúrgica nacional tenha uma retração de 2,19% em 2025, o

que representa uma queda de 700 mil toneladas, com potencial agravamento do desemprego no setor.

A guerra comercial entre Estados Unidos e China gerou oportunidades para o agronegócio brasileiro. Em 2018, as exportações de soja dos Estados Unidos para a China diminuíram de US\$ 19,4 bilhões para US\$ 9,1 bilhões devido às tarifas retaliatórias impostas pelo governo chinês, o que ampliou a demanda pela soja brasileira (Wikipedia, 2025). Em 2025, com a retomada das tarifas americanas e novas respostas da China, o Brasil projeta aumento das exportações de soja, milho e sorgo para o mercado chinês (Reuters, 2025a).

A China, principal destino das exportações brasileiras, adquiriu volumes recordes de soja em 2025, com 2,4 milhões de toneladas importadas em apenas uma semana (Bloomberg, 2025). Esses resultados fortalecem a posição brasileira como fornecedor estratégico de alimentos no cenário global.

Embora os setores de aço e alumínio enfrentem perdas expressivas, o agronegócio mostra capacidade de compensar parcialmente esses impactos negativos. De acordo com economistas, o Brasil pode emergir como beneficiário relativo do novo cenário tarifário, com fortalecimento do real e valorização do índice Bovespa após o anúncio das tarifas de 2025 (Reuters, 2025b). Entretanto, a elevada dependência do mercado norte-americano para produtos semiacabados e a instabilidade nos preços de commodities, como o cobre, podem limitar os ganhos potenciais (BBC, 2025).

A resposta do governo brasileiro às tarifas impostas em 2025 foi pautada pelo diálogo. O Ministério das Relações Exteriores lamentou a decisão dos Estados Unidos, classificando-a como injustificada, e destacou o superávit comercial norte-americano de US\$ 7 bilhões nas trocas bilaterais em 2024 (Ministério das Relações Exteriores, 2025). O vice-presidente Geraldo Alckmin sugeriu a reabertura das negociações para estabelecimento de cotas, conforme o modelo adotado em 2018 (Reuters, 2025c).

O governo brasileiro também estuda ações na Organização Mundial do Comércio, mas optou por não retaliar de imediato, priorizando a manutenção das relações bilaterais e a estabilidade comercial (Reuters, 2025d).

As políticas comerciais adotadas pelo governo Trump podem ser interpretadas como manifestações de mercantilismo, focadas na proteção de indústrias nacionais e na redução de déficits comerciais. Essa abordagem contrasta com a visão desenvolvimentista de Rodrik, que

defende o uso estratégico dos mercados globais para promover objetivos domésticos (Rodrik, 2025).

Chang (2025) ressalta a contradição de países desenvolvidos que, após utilizarem políticas protecionistas para fortalecer suas economias, passam a exigir abertura comercial de países em desenvolvimento, como o Brasil. Nesse sentido, as tarifas de Trump levantam questionamentos sobre justiça e equidade no comércio internacional.

Gilpin (1987) argumenta que as políticas comerciais são instrumentos de poder estatal, sendo utilizadas para reforçar a hegemonia econômica. Buzan e Falkner (2025), pela Escola Inglesa, alertam que ações unilaterais, como as tarifas norte-americanas, comprometem a estabilidade do regime multilateral de comércio e favorecem a fragmentação do sistema, com tendência à regionalização.

5. CONCLUSÃO

A análise das políticas comerciais adotadas pelos Estados Unidos entre 2017 e 2025, especialmente durante a administração de Donald Trump, evidencia uma estratégia de nacionalismo econômico centrada na proteção de indústrias domésticas por meio de tarifas e medidas unilaterais. A imposição de tarifas de 25% sobre o aço e o alumínio, sem concessões ou isenções, impactou significativamente o Brasil, segundo maior exportador de aço para o mercado norte-americano. Estima-se que, em 2025, as exportações brasileiras desses produtos sofram uma redução de 11,27%, resultando em perdas de aproximadamente US\$ 1,5 bilhão e uma queda de produção de cerca de 700 mil toneladas.

A resposta do governo brasileiro, pautada pela diplomacia e pela busca de soluções negociadas, reflete a assimetria de poder nas relações bilaterais e a importância estratégica do mercado norte-americano para setores específicos da economia nacional. A opção por evitar retaliações imediatas e priorizar o diálogo demonstra uma tentativa de preservar canais de comunicação e minimizar danos econômicos mais amplos.

Paralelamente, a guerra comercial entre Estados Unidos e China abriu oportunidades para o agronegócio brasileiro, especialmente no que tange às exportações de soja. A demanda chinesa por soja brasileira aumentou significativamente, com projeções de exportações recordes em 2025, estimadas em até 110 milhões de toneladas. Esse cenário favoreceu o

fortalecimento da posição do Brasil como principal fornecedor de soja para a China, com 75% das exportações brasileiras destinadas ao mercado chinês.

Contudo, a dependência crescente do mercado chinês para o escoamento da produção agrícola brasileira impõe desafios, como a necessidade de diversificação de mercados e a mitigação de riscos associados a flutuações na demanda externa. Além disso, a concentração de ganhos no setor agroexportador pode acentuar desigualdades regionais e setoriais dentro do país, especialmente em contraste com as perdas enfrentadas pela indústria siderúrgica.

Em suma, as políticas comerciais protecionistas dos Estados Unidos, embora visem fortalecer a indústria doméstica, geraram efeitos colaterais significativos para parceiros comerciais como o Brasil. A resposta brasileira, caracterizada por cautela e busca por soluções diplomáticas, evidencia a complexidade de navegar em um sistema internacional marcado por tensões comerciais e interesses divergentes. A experiência ressalta a importância de estratégias de política externa e comercial que equilibrem a defesa de interesses nacionais com a adaptação às dinâmicas do comércio global.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGÊNCIA BRASIL. Ipea: Brazil's Steel, Aluminum Exports to US Set to Fall by 11.27%. 13 mar. 2025a. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/en/economia/noticia/2025-03/ipea-brazils-steel-aluminum-exports-us-set-fall-1127>. Acesso em: 8 maio 2025.
- ARGUS MEDIA. US Tariffs to Slash Brazil's Steel Exports, Output. 19 mar. 2025. Disponível em: <https://www.argusmedia.com/en/news-and-insights/latest-market-news/2669552-us-tariffs-to-slash-brazil-s-steel-exports-output>. Acesso em: 8 maio 2025.
- BBC. South America and Trump's Trade Tariffs. 2025. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/articles/c5yrgpwg545o>. Acesso em: 8 maio 2025.
- BLOOMBERG. China Snaps Up Brazilian Soy as Trade War Escalates. 11 abr. 2025. Disponível em: <https://www.bloomberg.com/news/newsletters/2025-04-11/global-food-roundup-china-snaps-up-brazilian-soy-as-trade-war-escalates>. Acesso em: 8 maio 2025.
- BUZAN, Barry; FALKNER, Robert. The Market in Global International Society: An English School Approach to International Political Economy. Oxford: OUP, 2025.
- CHANG, Ha-Joon. There Should Be No Return to Free Trade. Jacobin, 2025. Disponível em: <https://jacobin.com/2025/04/tariffs-protectionism-manufacturing-industrial-policy>. Acesso em: 8 maio 2025.
- GILPIN, Robert G. The Political Economy of International Relations. Princeton: Princeton University Press, 1987.
- MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES. Measures Regarding Steel and Aluminum Exports to the United States. 2025. Disponível em: <https://www.gov.br/mre/en/contact-us/press-area/press-releases/measures-regarding-steel-and-aluminum-exports-to-the-united-states>. Acesso em: 8 maio 2025.

- REUTERS. Brazil Braces for More Chinese Demand, Higher Food Prices amid US Trade War. 6 mar. 2025a. Disponível em: <https://www.reuters.com/world/americas/brazil-braces-more-chinese-demand-higher-food-prices-amid-us-trade-war-2025-03-06/>. Acesso em: 8 maio 2025.
- REUTERS. Brazil Calls for Dialogue with US on Trade, Suggests Steel Quotas. 12 fev. 2025b. Disponível em: <https://www.reuters.com/markets/commodities/brazil-calls-dialogue-with-us-trade-suggests-steel-quotas-2025-02-12/>. Acesso em: 8 maio 2025.
- REUTERS. Brazil May Emerge as Winner from Sweeping US Tariffs, Economists Say. 3 abr. 2025c. Disponível em: <https://www.reuters.com/world/americas/brazil-may-emerge-winner-sweeping-us-tariffs-economists-say-2025-04-03/>. Acesso em: 8 maio 2025.
- REUTERS. Brazil Will Not Retaliate Against US Steel Tariffs Immediately, Minister Says. 12 mar. 2025d. Disponível em: <https://www.reuters.com/world/americas/brazil-will-not-retaliate-against-us-steel-tariffs-immediately-minister-says-2025-03-12/>. Acesso em: 8 maio 2025.
- RODRIK, Dani. Globalization, Tariffs and Democracy. World Economic Forum, 2025. Disponível em: <https://www.weforum.org/stories/2025/02/globalization-tariffs-democracy-isolationism-dani-rodrik/>. Acesso em: 8 maio 2025.
- THE NEW YORK TIMES. Trump Imposes Tariffs on Brazil and Argentina. 2 dez. 2019. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2019/12/02/business/economy/trump-tariffs-brazil-argentina-metal.html>. Acesso em: 8 maio 2025.
- WHITE & CASE LLP. President Trump Expands Steel and Aluminum Tariffs to All Countries; Effective March 12, 2025. 17 fev. 2025. Disponível em: <https://www.whitecase.com/insight-alert/president-trump-expands-steel-and-aluminum-tariffs-all-countries-effective-march-12>. Acesso em: 8 maio 2025.
- WIKIPEDIA. China–United States Trade War. 2025. Disponível em: https://en.wikipedia.org/wiki/China–United_States_trade_war. Acesso em: 8 maio 2025.